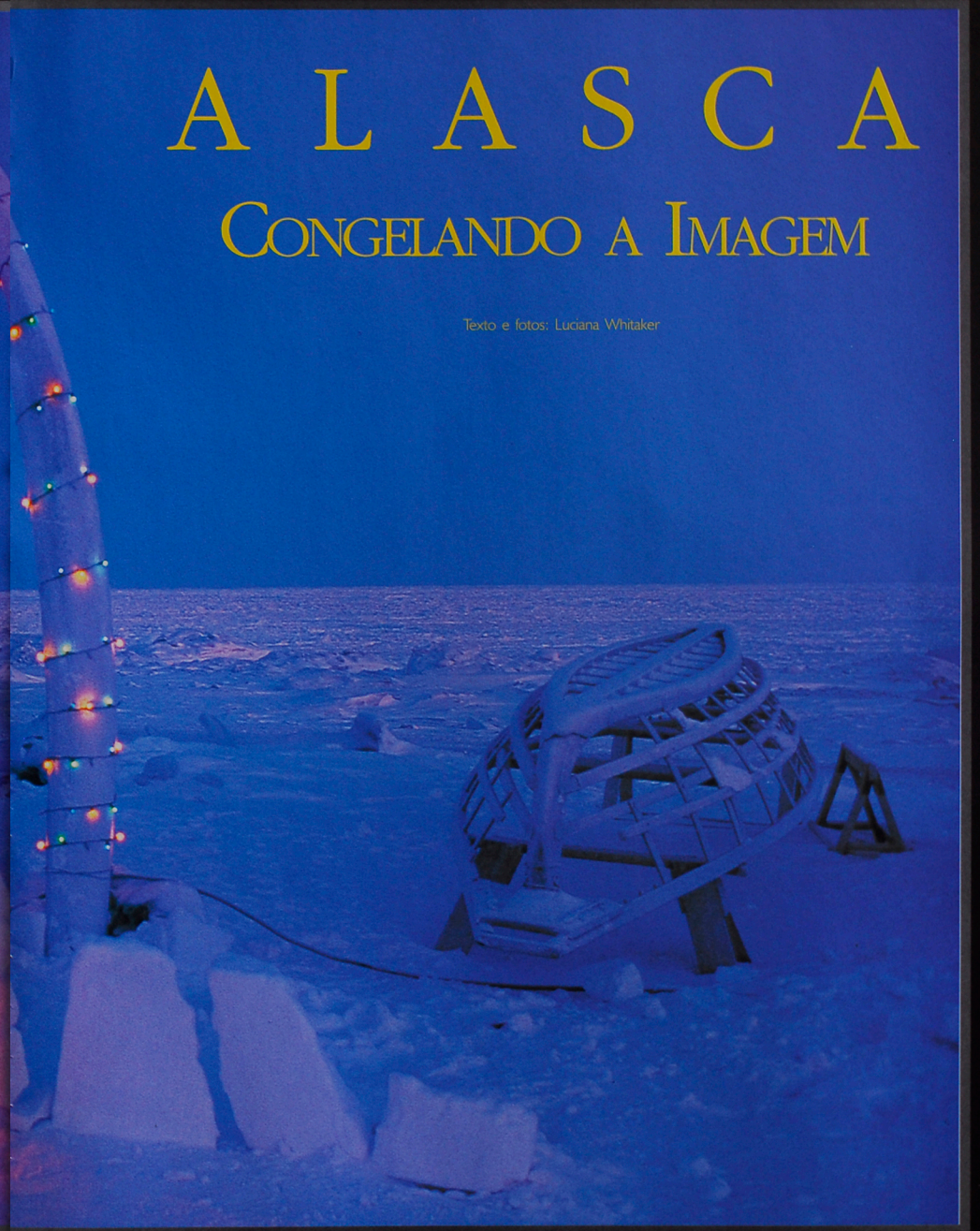
ALASCA

CONGELANDO A IMAGEM

Texto e fotos: Luciana Whitaker







Pilotar um trenó puxado por cachorros acima do círculo polar ártico, pode parecer para muita gente, uma idéia maluca. Para a fotógrafa Luciana Whitaker foi uma aventura que mudaria sua vida. Em busca de férias emo-cionantes, reservou um trenó de cachorros, no Alasca. O começo da aventura, incluía oito dias acampando no Parque Nacional Gates of the Arctic, no Círculo Polar. O final dela? Bem, é só conferir as fotos e texto a seguir.

A operadora fornecia barracas especiais para o Ártico, comida, grandes luvas, botas e um super casaco. Fora isso, recebi uma lista extensa de roupas e coisas que eu deveria levar. Me chamou atenção a recomendação de um bloquinho de anotações e lápis. Caneta não podia, pois a tinta congelava! Caramba! E as minhas câmeras, então?!? Li em uma revista de fotografia que, para fotografar na neve, deveria fotometrar na situação de luz desejada e abrir dois pontos. Como não teria laboratório fotográfico para conferir se isso dava certo, resolvi que variaria a exposição (*bracketing*) e fotometraria o "cartão cinza" da palma da minha mão. Depois de muito vôo, Rio-Seattle-Fairbanks, peguei um avião bimotor até Bettles, a menor cidade do Alasca. Nesse vôo conheci os outros quatro aventureiros que passariam os próximos dias comigo. Nenhum de nós jamais tinha sequer visto um trenó. Brandon Benson, o filho dos donos da *Sourdough Outfitters*, nos recebeu ao desembarcarmos em Bettles. Ao seu lado estava Bill Mackey, nosso guia e dono dos cachorros. Bill vem de uma família de *mushers* (pilotos de trenó de cachorros) competidores da Iditarod, uma corrida de 1.760 km que oferece ao vencedor US$ 50.000. Daí tira grande parte de suas maravilhosas estórias que passou a nos contar todas as noites. Brandon e Bill nos levaram para nossa primeira aula teórica sobre *mushing*. Cada um de nós ganharia seu próprio trenó e um time de cinco ou seis cães, dependendo de nosso peso. Dentro do trenó levaríamos roupa, comida e material para acampamento. Aprendemos a arrear os cães e a usar os freios. A maior surpresa foi saber que não existiam rédeas ou volante. O comando de direção seria dado por palavras: *gee* para virar a direita; *ra* para a esquerda; *whoa* para parar e *hike up* para partir. Depois de nossa primeira aula prática percebemos que nunca precisaríamos dizer *hike up* e que *whoa* não adianta muito: os cachorros querem mesmo é correr, difícil é fazê-los parar...!

Ao partirmos com nossos times escutamos dezenas de uivos e latidos. Os cachorros deixados para trás no canil ficam desapontados e seus uivos são de partir o coração. Durante o primeiro quilômetro é difícil manter o controle e temos que conservar o pé no freio. Depois disso os cães já estão mais tranqüilos e nós mais acostumados. As montanhas de Brooks Range estão mais próximas. É hora de relaxar e curtir a belíssima paisagem que passa como um filme na velocidade certa. O som é apenas do arfar dos cachorros e do trenó deslizando sobre os rios congelados e a neve virgem. Ao fotografar, percebí que o visor embaçava com minha respiração quente. Tinha que soltar o ar pelo canto da boca. Aos poucos me acostumei a pilotar sem usar as mãos, ocupada com câmeras, lentes e troca de filmes. Até de costas eu ia!

Diário na neve

No primeiro dia de trilha percorremos 29 km em 3 horas e meia. É impressionante como os cachorros ficam felizes enquanto estão correndo. Às vezes paramos um pouco para eles descansarem, mas logo reclamam e começam a uivar. Quando recomeçamos eles ficam quietinhos novamente. Nosso grupo é formado por seis trenós e dois *snow mobiles* (uma espécie de *jet ski* para neve) que nos acompanham de longe. Se um de nós tem algum problema como cair do trenó e perder o time - que sai correndo feliz da vida - , Brandon aparece e nos dá carona no *snow mobile*. Chegamos ao primeiro acampamento, um lugar entre uma pequenina floresta de árvores altas, as únicas da região. As barracas, especiais para o Ártico, equipadas com estufas, já estão montadas. Estacionamos os trenós e os cães dormem rapidamente após a comida. Agora é a nossa vez. A maior das barracas é o "restaurante". Lá, passamos horas conversando, todos juntos, ouvindo e contando estórias regadas a chá e chocolate quente. Brandon prepara a comida. Bill nos conta das alucinações que os *mushers* vêem lá pelo quarto dia da corrida Iditarod, quando ficam praticamente sem dormir. Brandon diz que tem um sujeito que compete com um time formado só por *poodles*...! A noite chega e estamos todos exaustos. Dois a dois ocupamos as barracas que se mantêm quentinhas até a hora do café-da-manhã. Às vezes, durante a noite, os cachorros uivam todos juntos como se fosse um coral de lobos. É lindo.

O segundo dia de trilha foi um pouco mais difícil. Passamos por um rio que transbordou enquanto congelava. O gelo, molhado e curvo, fez com que os trenós deslizassem sem controle, batendo em árvores e derrubando *mushers* desavisados. A cor do gelo era de um azul belíssimo e não pude deixar de fotografar, ainda que sempre com o trenó em movimento. Patinei e caí. Eu, minha Nikon F4 e as lentes sobrevivemos ilesas. Meu time de cachorros seguiu em frente levando o trenó embora. O clima era de confusão e um time passava o outro, deixando de lado a costumeira fila indiana. Peguei uma carona num trenó que vinha logo atrás. Brandon resgatou meu time. *Mushers* molhados e controle retomado, rimos todos. Foi divertido.

Um pouco mais adiante a neve estava extremamente fofa e os cachorros afundavam quase até o pescoço. Continuamos a marcha, devagar e sempre.

Tínhamos vontade de ajudar empurrando o trenó, principalmente nas subidas. Só que, ao tentarmos, afundávamos na neve até a cintura e eventualmente, perdíamos o trenó. Os cães, sozinhos, fazem melhor. Após 34 km em quase cinco horas de marcha e sempre de pé no trenó, chegamos em Crevice Creek, 115 km ao norte do círculo polar e nosso pouso para a noite. Ali tínhamos uma cabana de madeira para dormir e dois anfitriões maravilhosos: Bill e Lill Fickus. Com eles tivemos a verdadeira experiência da vida no interior do Alasca. Bill é piloto de avião e deixou a Pensilvânia ainda jovem. Lill é índia atabasca, povo nativo do Alasca. Eles são os donos do rancho mais ao norte dos Estados Unidos, segundo o *Guiness Book of Records*. Ali levam uma vida de auto subsistência. Plantam tomate, batata, abobrinha; fazem mineiração de ouro; são guias licenciados pelo estado, de caçadores estrangeiros de alces e ursos; educaram seus quatro filhos através de escola por correspondência e fizeram deles pessoas bem sucedidas que moram na capital. Uma de suas filhas foi Miss Alasca, o filho é piloto de avião para o *Federal Express*. Têm água quente, gerador elétrico, forno de micro ondas, TV e vídeo, mas para telefonarem, pegam o avião e voam por 20 minutos até chegarem em Bettles. Moram aí há 35 anos e seus vizinhos mais próximos estão a 11km de distância.





À noite, em Crevice Creek foi especial. Ficamos até tarde ouvindo as estórias desse casal fantástico que estava feliz em ter moças por perto: a maioria dos visitantes que recebem é de homens. No caminho para nossa cabana olhamos o céu. Estava magnífico! A única luz acesa era o fogo de nossa estufa, lá dentro da cabana. Mostrei minhas estrelas e constelações preferidas: Polaris, Ursa Maior, Cassiopéia, Leão, Plêiades, o belo Cisne...Vimos algumas estrelas cadentes, um satélite artificial e o cometa Hyakutake, que estava visível no hemisfério norte naqueles dias. Com o binóculo de Hellen observamos sua enorme cauda. Como se isso não bastasse, lá pelas duas da manhã , a aurora boreal começou o seu show. Eram luzes verdes, amarelas e vermelhas dançando no céu como fumaça. Hellen e eu ficamos ali por horas e quase esquecemos do frio. Não entendíamos como os outros viajantes, por sono e preguiça de se levantarem da cama, continuavam dormindo, perdendo um show inédito e tão lindo...! Deixei a câmera no tripé e ia apertando o cabo disparador de vez em quando, tentando diferentes exposições. Tinha lido que não se deveria fazer exposições maiores que 30 segundos, para não borrar muito a imagem. Afinal, as luzes da aurora dançam! Na maior parte do tempo, a câmera operava sem problemas. Para manter as baterias aquecidas, mantinha a câmera dentro do meu casaco. Vez ou outra a câmera não disparava por causa do frio.

O dia seguinte foi tranqüilo e percorremos 33 km, dos quais, os primeiros treze, em 45 minutos: nosso recorde. Passamos entre "túneis" de plantas secas das quais tínhamos que nos proteger contra possíveis arranhões, ficando bem abaixados junto ao trenó e os últimos 5km foram sobre o gelo azulado do John River. É incrível como os cachorros conseguem manter a firmeza sobre o gelo! O trenó patina ligeiramente desgovernado e o som, meio oco, meio eco, é encantador. O vento levanta a neve sobre o gelo do rio numa fina poeira branca. Essas imagens estarão gravadas na minha memória para sempre.